



História das Relações Internacionais & Primeiras Civilizações – Introduzindo a área

Conteúdo cedido, editado e revisado pelos professores Rodrigo
Teixeira e Rafael Ávila



A História das Relações Internacionais

A importância da História das Relações Internacionais para o entendimento da evolução do Sistema Internacional.

As escolas da História das Relações Internacionais: A escola Francesa (Renouvin e Duroselle) e a Escola Inglesa (Watson e Buzan)



Escola Francesa - Relações Interestatais. As forças profundas das Relações Internacionais e o homem de estado. Relação Estrutura e conjuntura.

Escola Inglesa – Sistema Internacional baseado em unidades políticas.

Porque alguns países se tornam potência enquanto outros desaparecem.

Conteúdo cedido, editado e revisado pelos professores Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila



Importância do entendimento das dinâmicas econômicas, políticas, sociais e culturais que surgiram de “dentro para fora” nas comunidades nacionais.

Relevância dos aspectos espaciais para o entendimento dos processos



O papel fundamental da História das Relações Internacionais não é somente caracterizar alguns processos históricos relevantes como as sucessões dinásticas, as corporações diplomáticas e etc., mas sim, entender as repercussões que estes processos tiveram para o movimento das Relações Internacionais.



LESSA, Antônio Carlos. História das Relações Internacionais: *A pax Britannica* e o mundo do século XIX. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

PELLISTRANDI, Benoit. *As Relações Internacionais de 1800 a 1871*. Lisboa: Edições 70, 2000.



As Primeiras Civilizações



A IDADE DA PEDRA

A maior parte da existência dos homens na Terra coincide com a chamada “Idade da Pedra”, denominação que foi consagrada e popularizada ao longo do século XX.

A Pré-história pode ser dividida, tomando-se como referência a evolução cultural e tecnológica da humanidade, em três momentos distintos: Idade da Pedra; Idade do Bronze (aproximadamente a partir de 3.000 a.C.); Idade do Ferro (entre 1.200 e 1.300a.C.).



OBS: Esses conceitos apresentam-se, contudo, muito vagos e imprecisos, visto que é muito difícil determinar o início e o término de cada uma dessas fases.

OBS: Até muito recentemente era possível encontrar, em certas partes mais remotas do mundo, populações que podiam ser classificadas como vivendo na Idade da Pedra; e, ainda nos nossos dias, existem comunidades que possuem e utilizam um arsenal de ferramentas não muito mais sofisticado que dos homens pré-históricos.



Outro inconveniente na utilização do conceito de Idade da Pedra é o fato deste englobar um período de tempo muito dilatado, aproximadamente de 1.700.000 até 10.000 anos atrás.

Assim o Paleolítico (Antiga Idade da Pedra, ou Idade da Pedra Lascada) pode ser dividido em fases distintas:

1ª) **Paleolítico Inferior** (1.700.000 até 100.000 anos atrás).

2ª) Paleolítico Médio ou **Mesolítico** (100.000 até 50.000 anos atrás)

3ª) **Paleolítico Superior** (50.000 até 10.000 anos atrás).



OBS: Sucedendo o Paleolítico Superior, a partir de 10.000 anos atrás, teve início o período Neolítico ou “Nova” Idade da Pedra, ou Idade da Pedra Polida.

Neolítico

Por volta do ano 10.000 a.C. teve início o último período da Pré-história, o neolítico (Do grego *néos*: novo, moderno + *líthos*: pedra; cálculo), ou seja, Nova Idade da Pedra ou Idade da Pedra Polida.

Conteúdo cedido, editado e revisado pelos professores Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila



Apesar da denominação Idade da Pedra, esse período apresentou um enorme salto tecnológico e cultural na evolução da humanidade, pois o homem tornou-se um agricultor, pastor e ceramista; adotando um estilo de vida sedentário.

OBS: O excedente de alimentos propiciado pela produção agrícola e pelo pastoreio de animais domesticados, liberou os indivíduos do esforço, até então, imperioso de assegurar a satisfação das necessidades imediatas, facultando o aprimoramento de outras habilidades e o desenvolvimento de novas atividades.



A “invenção” da agricultura representou o último dos grandes avanços da humanidade na Pré-história, alterando profundamente a vida e a estrutura da sociedade.

No Oriente Próximo que, entre 9.000 e 8.000 a.C., as técnicas de cultivo tornaram-se amplamente difundidas e diferentes grãos de cereais, que ainda hoje consumimos, passaram a ser cultivados.



A domesticação de animais e a atividade pastoril representam características fundamentais do estilo de vida neolítico, garantindo ao homem um suprimento regular de carne, além de leite e ovos, tornando sua dieta mais rica e diversificada.



Para completar o quadro geral da chamada “revolução neolítica”, deve-se levar em consideração o significado que a produção de cerâmicas adquiriu no contexto das profundas transformações observadas no modo de vida dessas comunidades.

A produção de excedentes agrícolas que poderiam ser estocados gerou uma demanda crescente por recipientes para transporte e armazenamento.



A argila é um material flexível (de fácil modelagem), abundante e acessível, permitindo a produção de peças de diferentes formas e tamanhos, adaptadas às mais diversas finalidades.

OBS: Além desse caráter pragmático, a cerâmica representou um novo veículo para a manifestação artística, pois, as peças produzidas poderiam ser decoradas (esculpidas e/ou pintadas), criando uma miríade de padrões e estilos.



A melhoria considerável observada nas condições da existência humana aliada ao sedentarismo provocaram um expressivo crescimento populacional, levando ao estabelecimento das primeiras cidades [Jericó – 8.000 a.C., Çatal (pronuncia-se “Tchatal”) Hüyük – 6.500 a.C., Hacilar – 6.000 a.C., dentre outras do Oriente Médio].



Concluindo, podemos afirmar que o somatório dessas inovações (agricultura, pastoreio, produção de utensílios de cerâmica, fabrico de tecidos, desenvolvimento de uma cultura urbana e fundição incipiente de metais) representa um salto qualitativo na evolução humana e um passo decisivo no caminho do estabelecimento das primeiras civilizações.



O conceito de civilização

Distinção preliminar entre civilização, no singular, e civilizações, no plural.

A noção de civilização foi desenvolvida pelos pensadores franceses do século XVIII, em oposição ao conceito de “barbarismo”. A sociedade civilizada diferia da sociedade primitiva porque era estabelecida, urbana e alfabetizada.



Essa noção encerrava um intrínseco juízo de valor, pois, ser civilizado era considerado como algo positivo, ao passo que não ser civilizado era ruim.

O conceito de civilização fornecia um padrão pelo qual as sociedades podiam ser avaliadas e classificadas.



OBS: Durante o século XIX os europeus dedicaram muita energia intelectual, diplomática e política à elaboração dos critérios pelos quais as sociedades não-européias poderiam ser julgadas suficientemente “civilizadas” para serem aceitas como membros do sistema internacional dominado pelos europeus.



O conceito de civilizações, no plural, significa “renunciar à civilização definida como um ideal, ou melhor, como o ideal”, e um afastamento da pressuposição de que havia um único padrão para o que era civilizado, “confinado a umas poucas pessoas ou grupos privilegiados, a ‘elite’ da humanidade”, na frase de Braudel.

Em vez disso, havia muitas civilizações, cada uma das quais era civilizada à sua própria maneira.



Civilização é o resultado da interação de seres humanos de forma criativa, quando se constituíram em uma certa massa crítica de potencial cultural e de recursos materiais e quando as capacidades humanas são liberadas para se desenvolverem até se tornarem, em larga medida, auto-suficientes.



OBS: Wallerstein define civilização como “uma concatenação especial de visão do mundo, de costumes, de estruturas e de cultura (tanto a cultura material como a alta cultura), que forma alguma espécie de totalidade histórica e que coexiste (ainda que nem sempre de forma simultânea) com outras variedades desse fenômeno”.



“Civilização” liga-se à palavra latina *Civitas* que significa “cidade”. Mais do que qualquer outra instituição e melhor do que qualquer ambiente até então existente, a cidade forneceu a massa crítica e as inovações necessárias à constituição das primeiras civilizações.



Nas primeiras cidades, a riqueza produzida pela agricultura foi usada para manter as classes sacerdotais, que elaboravam complexas estruturas religiosas e encorajavam a construção de grandes prédios com funções mais do que meramente econômicas.



Quando a escrita se tornou disponível, foi uma nova e intensiva armazenagem de empreendimentos e experiências. A cultura acumulada gradualmente se tornou cada vez mais efetiva como instrumento para mudar o mundo.

OBS: Fica claro que a civilização é uma entidade cultural mais ampla, aglutinando diferentes realidades culturais, sejam estas locais, regionais ou nacionais.



Os elementos essenciais de uma civilização

Os elementos culturais básico que definem uma civilização foram expostos de forma clássica pelos atenienses, quando tranquilizaram os espartanos no sentido de que não os trairiam com os persas:



Pois há muitas e poderosas considerações que nos proíbem de assim fazer, mesmo que a tanto estivéssemos inclinados. Primeiro e mais importante que tudo, as imagens e as moradas dos deuses, queimadas e deixadas em ruínas: isso requer de nós vingança no mais alto grau, em vez de chegar a acordo com o homem que perpetrou tais atos. Em segundo lugar, a raça grega, tendo o mesmo sangue e a mesma língua, e em comum os templos dos deuses e os sacrifícios, e sendo nossos costumes semelhantes, não estaria bem que os atenienses se tomassem traidores disso.



Sangue, língua, religião, estilo de vida era o que os gregos tinham em comum e o que os distinguiu dos persas e dos outros não-gregos.

OBS: Apesar de uma certa diversidade de opiniões, há entre os especialistas uma concordância básica de que uma sociedade precisa atingir pelo menos três dentre quatro características essenciais para chegar ao nível de civilização.



Critérios para determinar se uma cultura e uma sociedade representam uma civilização:

1) urbanização, mediante a construção de um sistema habitacional bem mais amplo e complexo do que o da vila neolítica, combinando a existência de um ou mais edifícios religiosos com um palácio ou um templo-palácio, casas de residência, edifícios usados como depósito, ruas e facilidades para o fornecimento de água;



2) uma cultura comum, inclusive língua, religião, uma cosmovisão (Compreensão geral do universo e da posição nele ocupada pelo homem que se expressa por um conjunto mais ou menos integrado de representações e que deve determinar, em última instância, a vontade e os atos de seu portador) e um repertório de costumes e técnicas sociais;

3) um sistema político, apresentando os traços básicos de um Estado, ou dentro do sistema religioso ou separado;



4) um sistema de escrita.

Quantas civilizações existiram ao longo da História?

Diferentes estudiosos apresentaram respostas também distintas para essa indagação. Essa divergência é resultado das diferentes perspectivas de análise e dos parâmetros teórico-metodológicos definidos.



Todavia, é possível estabelecermos, com razoável concordância, como doze o número de civilizações principais, sendo que dessas, sete já se encontram “extintas” (mesopotâmica, egípcia, cretense, clássica, bizantina, mesoamericana e andina) e cinco ainda existentes (chinesa, japonesa, indiana, islâmica e ocidental).



OBS: Alguns autores acrescentam a essas cinco civilizações a ortodoxa (de tradição bizantina e centra atualmente na Rússia), a latino-americana (produto da fusão dos elementos fundamentais da civilização ocidental europeia com as culturas nativas e africanas trazidas pelos escravos) e, possivelmente, a africana.



Tipos ou níveis das civilizações

Segundo o antropólogo Alfred Weber historicamente as civilizações têm emergido em camadas sucessivas; em certos casos, como uma evolução das vilas neolíticas das quais se originaram; em outros, sob a influência direta ou indireta de civilizações mais antigas.

Partindo da tipologia weberiana é possível distinguirmos quatro níveis de civilização, a saber: 1) civilizações primárias; 2) civilizações secundárias do primeiro grau; 3) civilizações secundárias do segundo grau; 4) civilizações terciárias.



As civilizações primárias são as que emergem diretamente do seu passado neolítico, por meio da evolução da cultura das vilas para uma civilização urbana, sem contribuições importantes de civilizações precedentes. Exemplos típicos são a Mesopotâmia e o Egito.

As civilizações secundárias do primeiro grau são as que, embora surjam também diretamente de um passado neolítico, têm consciência da existência de civilizações que as precederam e são influenciadas por essa experiência. Exemplos típicos são os hebreus, os hititas e os egeus.



As civilizações secundárias do segundo grau caracterizam-se por terem aparecido com a desintegração, parcial ou total, de uma civilização prévia. Exemplos típicos: a civilização dos gregos, que nasceu das ruínas do Egeu; e a civilização de Roma, derivada dos etruscos.

As civilizações terciárias resultam de transformações de precedentes civilizações secundárias do segundo grau, como no caso de Bizâncio.



O Islã é outro tipo de civilização terciária, formada pela criação de uma nova religião, que se expandiu rapidamente na cultura árabe, incorporando elementos das tradições israelita e cristã.

Civilizações primárias

Se aceita usualmente a existência de sete civilizações primárias: quatro no Velho Mundo (Mesopotâmia, Egito, Harappa e Shang) e três no Novo Mundo (as civilizações dos maias, dos astecas e dos incas).



No caso do Velho Mundo cada uma das quatro civilizações citadas emergiu diretamente do Neolítico, passando por um processo evolutivo que não foi influenciado de forma decisiva por uma civilização anterior.

OBS: No caso das Américas as civilizações dos maias e dos astecas são consideradas primárias no pressuposto de que sociedades anteriores, como a dos olmecas, toltecas e a cultura de Teotihuacan, não tinham alcançado o nível de civilização.



Do mesmo modo, a civilização inca é primária uma vez que as culturas que a precederam, como a de Huaca Prieta, no vale de Chicama, e as culturas mais desenvolvidas dos mechicas, chimus, nascas e tiahuanacos, não chegaram a alcançar o nível de civilização.

Cada uma das sete civilizações primárias preenchia pelo menos três dos quatro requisitos que mencionamos.



As primeiras civilizações

As primeiras civilizações surgiram entre 3.500 e 500 a.C. como resultado da interação de habilidades humanas e fatores naturais, tornando possível uma nova ordem de vida baseada na capacidade de tirar proveito dos recursos oferecidos pelo meio ambiente.



Os vales dos rios, como os da Mesopotâmia (Tigre e Eufrates), do Egito (Nilo), da Índia (Indo) e da China (Hoang-Ho ou rio Amarelo) eram ambientes excepcionalmente favoráveis à agricultura, devido a suas terras ricas e facilmente cultiváveis, podendo suportar densas populações de lavradores nas aldeias que então cresciam para formar as primeiras cidades.



As civilizações primitivas não se desenvolveram, necessariamente, de forma simultânea e nem foram igualmente bem-sucedidas.

Assim, podemos identificar a seguinte sucessão de civilizações primitivas:

Mesopotâmia – por volta de 3.500 a.C.

Egito – por volta de 3.100 a.C.

Índia – por volta de 2.500 a.C.

Creta – por volta de 2.000 a.C.

China – por volta de 1.500 a.C.

OBS: Todas essas civilizações apresentavam algumas características comuns, como a dependência da agricultura local, a conquista da escrita e a organização de uma nova escala de cidades.



O CRESCENTE FÉRTIL

Expressão instituída pelo orientalista norte-americano Henry Brestead para designar uma área que, partindo do Egito, prolonga-se pela costa sírio-palestina, descrevendo, a seguir, um arco de círculo estendendo-se a leste ao longo das colinas da Anatólia e terminando nas montanhas situadas entre o Irã (Pérsia) e o Mar Cáspio, incluindo os vales fluviais do Iraque (Mesopotâmia).



OBS: Hoje, a maior parte desta área parece pouco atraente, mas há dez mil anos boa quantidade de chuvas e solo fértil a tornavam bem arborizada e com bosques cheios de caça.

Os ancestrais dos cereais cresceram nas colinas: formas selvagens de cevada e trigo e muitos tipos de grama.

A partir dessa área parecem ter se espalhado técnicas de plantio e colheita há pouco descobertas, tanto para o sudoeste da Europa quanto para o Vale do Nilo.



Uma possível escala de tempo demonstra que por volta de 9.500 a.C. os povos colhiam grama e grãos selvagens na Ásia Menor; por volta de 7.000 a.C., a primeira plantação e o primeiro cultivo se iniciaram no Levante e na Mesopotâmia; nos três mil anos seguintes, estas práticas se deslocaram para oeste, até (aproximadamente) o Reno; e por volta de 3.000 a.C. a lavoura alcançara a Europa Ocidental e as Ilhas Britânicas.



Muitos animais no Crescente Fértil acabaram sendo totalmente controlados pelo homem. Carneiros e cabras (ou seus ancestrais) eram especialmente abundantes ali, enquanto porcos de um determinado tipo viviam em estado selvagem por quase todo o mundo.

OBS: Na Antiguidade oriental, o Crescente Fértil se transformou no objeto de permanente busca por parte de povos então em expansão, que a procuravam para ali se estabelecer, na expectativa de constituir seus Estados políticos.



Descobertas arqueológicas recentes encontraram nessa região vestígios dos primeiros grupos humanos que, há cerca de 9.000 anos, realizaram a domesticação de animais e atividades agrícolas. Cidades até então ignoradas como Jarmo (Iraque), Ras Shamra (Síria), Çatal-Höyük (Turquia) e Jericó (Palestina) foram descobertas, juntamente com precioso material atestando a presença de embrionárias comunidades humanas.



A interação cultural no Crescente Fértil

As interações mutuamente estimuladoras das diferentes culturas se tornaram óbvias pela primeira vez no Oriente Próximo.

Um turbilhão de idas e vindas raciais durante três ou quatro mil anos enriqueceu e desintegrou o Crescente Fértil.



OBS: Ele seria, na maior parte dos tempos históricos, um grande cadinho de culturas, uma zona não apenas de assentamento, mas de trânsito, através da qual fluíam pessoas trocando ideias, instituições, línguas e crenças, muitas das quais ainda nos influenciando ainda hoje.



As diferenças linguísticas fornecem distinções entre os povos dos primitivos tempos civilizados do Crescente Fértil. Todas podem ser atribuídas, seja aos grupos que provinham do norte da África e do nordeste do Saara (chamados de “camitas”), ou aos “semitas” da Península Arábica, aos “indo-europeus” que vieram do sul da Rússia e se espalharam por volta de 4000 a.C. pela Europa e pelo Irã, seja aos que podem ser denominados de “caucasianos” da Geórgia e da região do Cáucaso.



A interação e a rivalidade dos povos semitas com os caucasianos, capazes de se manter nas terras elevadas que incluíam a Mesopotâmia a partir do nordeste, são temas contínuos na história primitiva da área.

Por volta de 2.000 a.C., outros povos, cujas línguas fazem parte do que é chamado de grupo "indo-europeu", também entraram em cena. Entre eles, os hititas se impuseram na Anatólia, vindos da Europa, e os iranianos.